



» Entrevista | WELLINGTON DIAS | MINISTRO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

# “Tirar da fome não é o fim, é só o primeiro passo”

Ministro rebate ataques ao Bolsa Família, destaca os resultados da política de transferência de renda e afirma que o programa contribuiu para manter o Brasil fora do Mapa da Fome pelo segundo triênio seguido, conforme relatório da FAO

» FERNANDA STRICKLAND  
» RAFAELA GONÇALVES

**A**lvo recorrente de críticas nas redes sociais, sobretudo em ano eleitoral, o Bolsa Família é a porta de entrada para uma trajetória de ascensão social, rebate o ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Wellington Dias. “Estou falando de pessoas com quem a sociedade falhou”, diz ele, que viveu a insegurança alimentar na infância no interior do Piauí.

Segundo o ministro, das 28 milhões de famílias que chegaram a receber o benefício, 9 milhões já saíram do programa por terem melhorado de vida — parte do contingente de 21 milhões de pessoas que ascenderam socialmente no país desde 2023.

Em entrevista ao *Correio*, Dias comentou o mais recente relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, sigla em inglês), que confirma o Brasil fora do Mapa da Fome pelo segundo triênio consecutivo (2023-2025), com a insegurança alimentar severa recuando de 9% para 0,6% da população.

Mesmo com guerras, tarifas comerciais e mudanças climáticas pressionando os preços dos alimentos, o ministro afirma que a transferência de renda, o controle da inflação e a geração de empregos explicam o resultado. Ele também abordou a modernização do Cadastro Único, que passou a cruzar 1,7 petabyte de dados para identificar fraudes. Confira os principais trechos:

**O relatório da FAO confirma que o Brasil permanece fora do Mapa da Fome no triênio 2023-2025. Quais foram as políticas públicas mais decisivas para esse resultado?**

É uma grande vitória, ainda mais relevante quando se olha para o cenário mundial. Cerca de 50 países em guerra ou conflitos internos, uma política de tarifação que afeta o Brasil, o Canadá e países da Europa, e mudanças climáticas que desde 2003 impõem um ciclo anual de secas e enchentes em diferentes regiões, a Amazônia, o Rio Grande do Sul, entre outras. A FAO já havia tirado o Brasil do Mapa da Fome no triênio 2022-2024, com índice abaixo de 2,5%. Agora, no triênio 2023-2025, o país segue fora do mapa,

uma manutenção que mostra algo consolidado, não conjuntural. Destaco também a forte redução da insegurança alimentar severa. Quando assumimos o governo, em 2023, os Yanomami eram o retrato mais duro da fome no país. O presidente Lula foi a Roraima para acompanhar pessoalmente aquela realidade, em que muitos morreram ou tiveram sequelas. A insegurança alimentar severa, que estava em torno de 9% no triênio 2021-2023, caiu para 3,4% em 2024 e hoje está em 0,6%, um dos índices mais baixos do mundo.

**O que ainda impede o Brasil de erradicar completamente a fome?**

Nenhum país do mundo chegou a zero desde que a FAO começou essa medição, em 1996. A fome tem múltiplos fatores, muitas vezes está ligada a doenças que impedem a pessoa de se alimentar, gerando subnutrição. Por isso, integramos a rede de assistência social ao SUS, para diferenciar o que é problema de saúde do que é problema de renda. Neste ano, encontramos cerca de 300 mil pessoas que nem estavam no Cadastro Único — indígenas, moradores de regiões isoladas. Para isso lançamos, em 2023, o programa Busca Ativa, que mobiliza redes de educação, saúde, trabalho e também igrejas e entidades sociais que chegam onde o Estado não chega. O principal instrumento continua sendo a transferência de renda, o Bolsa Família, o BPC para pessoas com deficiência ou mais de 65 anos sem proteção previdenciária, a alimentação escolar, as cestas de alimentos da Conab, as cozinhas solidárias. A própria FAO reconhece a força da inclusão socioeconômica — emprego, empreendedorismo e, agora, cooperativismo — como caminho para que essas famílias não voltem à fome. Um ponto importante é a regra de proteção do Bolsa Família, quem sai do programa porque passou a trabalhar não sai do Cadastro Único. Se a renda cair de novo abaixo da linha da pobreza, a família volta automaticamente ao benefício. Isso protege cerca de 7 milhões de famílias que hoje acumulam salário e Bolsa Família quando a renda ainda está baixa.

**O relatório também relaciona o crescimento econômico, a queda do desemprego e o controle da inflação de alimentos. Qual**

Davi Pereira/CB/D.A Press



**As famílias que conseguem, pela educação, tirar todos os filhos da pobreza tendem a não regredir a essa condição. Por isso o Bolsa Família é condicionado a contrapartidas como matrícula e frequência escolar. A educação é o ponto principal”**

**foi o peso desses fatores em comparação com os programas sociais?**

Guerras, mudanças climáticas e tarifas afetam sobretudo os mais pobres. Quando o Estreito de Ormuz fecha por causa de um conflito, por exemplo, o preço do adubo sobe no mundo inteiro, e isso chega ao prato de cada família. O governo criou um sistema de compensação para agricultores pequenos, médios e grandes. O resultado é que o Brasil tem hoje um dos custos de alimentação por família mais baixos da América do Sul e da América Latina, mesmo sendo o quarto maior

produtor de alimentos do mundo e a décima maior economia. Tirar da fome não é o fim, é só o primeiro passo. É preciso superar a pobreza. O programa Acredita, lançado em 2023, consolidou ações de qualificação para emprego, empreendedorismo e cooperativismo. O social é parte da estratégia econômica, a renda dos mais pobres vai direto para o consumo. Os números confirmam a tendência, 5,5 milhões de novos empregos com carteira assinada desde 2023, dos quais 91% ocupados por pessoas do Cadastro Único. Das 28 milhões de pequenas empresas abertas no país, 10,4

milhões são de empreendedores que vieram do cadastro social. Só o Acredita já financiou R\$ 16,5 bilhões, e o crédito rural, que era de R\$ 6 mil no máximo, passou para R\$ 74 mil no Plano Safra atual. Ao todo, 21 milhões de pessoas ascenderam na escala social desde 2023, e 17,4 milhões chegaram às classes B, C ou A, segundo estudo da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

**O Bolsa Família é alvo frequente de críticas nas redes sociais, sobretudo neste período eleitoral. Como o senhor responde a essas críticas?**

Estou falando de pessoas com quem a sociedade falhou, que vivem isoladas, para quem crescer sozinho não é simples. É uma questão humana, quero viver num país desenvolvido, com um índice de desenvolvimento humano à altura, e isso passa por reduzir a desigualdade. Recentemente saíu um estudo mostrando que a covid matou não 700 mil, mas 2 milhões de pessoas no Brasil. Fiquei emocionado, porque acompanhei aquele período como coordenador do Fórum de Governadores. A maioria do povo brasileiro valoriza esse lado humano.

**Manter o Brasil fora do Mapa da Fome é um desafio para qualquer governo. Como garantir essa continuidade?**

Eu mesmo vivi a insegurança alimentar quando criança, no interior do Piauí, buscando água a seis quilômetros de casa. Não existia Bolsa Família na época, hoje existe. Há um dado que ajuda a explicar o desenho do programa. Famílias que conseguem, pela educação, tirar todos os filhos da pobreza tendem a não regredir a essa condição. Por isso o Bolsa Família é condicionado a contrapartidas como matrícula e frequência escolar. A educação é o ponto principal. Eu costumo dizer que é um investimento de uma vez só. No meio rural, o avanço ainda é menor que no urbano. Cerca de um terço da redução da pobreza aconteceu no campo, contra dois terços nas cidades. O fator que mais ajuda ali é o cooperativismo aliado à educação técnica, uma cooperativa média ou grande funciona como uma empresa da qual o pequeno produtor é sócio. Um exemplo, quem vendia tilápia a R\$ 1,50 o quilo passa a vender filé processado por até R\$ 15.



Escaneie o QR Code e assista à entrevista

**O Cadastro Único está passando por um processo de modernização. O que a população pode perceber de novo? Além disso, o governo intensificou o “pente-fino” nos programas sociais. Qual foi a economia gerada até agora?**

Nessa modernização do CadÚnico, integramos as redes de proteção social e de cuidados, atendendo pessoas em situação de rua, migrantes, pessoas com deficiência, idosos e crianças. Um exemplo prático é a Cuidoteca na UnB, em Brasília, que cuida dos filhos de quem está estudando ou trabalhando. A modernização também trouxe mais eficiência e menos fraude. Cruzamos 1,7 petabyte de dados de diferentes áreas para identificar irregularidades, como documentos falsos, cadastros em nome de pessoas já falecidas. Isso já resultou na identificação de 4,5 milhões de pagamentos fraudados ou irregulares, uma economia de cerca de R\$40 bilhões, segundo o Tribunal de Contas da União. Quando assumi, o TCU já apontava desvios da ordem de R\$ 34 bilhões por ano no modelo antigo. Hoje o Bolsa Família atende 19 milhões de famílias. São 9 milhões a menos que as 28 milhões do modelo antigo, porque essas famílias melhoraram de vida.

**Quais são as prioridades da pasta para o segundo semestre, marcado pelo período eleitoral, e o que o senhor pretende entregar até o fim do mandato?**

A lei eleitoral garante a continuidade dos programas, quem tem direito ao Bolsa Família ou ao BPC continua tendo acesso. O cuidado é evitar a troca de benefício por voto, é crime e não vamos tolerar. Organizamos uma Rede Federal de Fiscalização, para monitorar isso em todo o país. Depois da eleição, vamos discutir o aperfeiçoamento do piso de entrada do Bolsa Família e incluir esses pontos no próximo orçamento, sempre dependendo da aprovação do Congresso Nacional.

## INVESTIGAÇÃO

# Brasileiras estão desaparecidas na França

» IAGO MAC CORD

O desaparecimento de três jovens — duas brasileiras e uma cabo-verdiana — em diferentes pontos da França, entre 21 e 23 de julho, mobiliza familiares, autoridades francesas e o Ministério das Relações Exteriores brasileiro. Os casos, registrados em um intervalo de 72 horas, despertaram preocupação na comunidade brasileira no país e deram início a uma corrida por informações sobre o paradeiro das vítimas.

As ocorrências envolvem a engenheira brasiliense Gabriele da Silva Monteiro, de 34 anos, desaparecida em Lyon, e a estudante goiana Alice Dias de Oliveira, de 16 anos, que sumiu na Região Metropolitana de Paris junto da amiga cabo-verdiana

Maria de Fátima Pina Monteiro. Enquanto aguardam novas informações oficiais, previstas para esta semana, os parentes recorrem a imagens de câmeras de segurança, registros em hospitais e pistas compartilhadas nas redes sociais.

Gabriele, formada pela Universidade Federal do Ceará e residente na França desde 2017, foi vista pela última vez na quinta-feira passada, por volta das 12h30, no bairro de Debourg, em Lyon. Uma vizinha relatou ter encontrado a brasileira no elevador do prédio quando ela retornava após buscar as filhas na escola.

Ao chegar do trabalho, por volta das 17h, o marido, o francês Florian Poutout, encontrou o apartamento com a porta fechada, mas destrancada. No imóvel, permaneceram

Reprodução/ Redes Sociais



**Da esquerda para a direita, Gabriele da Silva, Maria de Fátima e Alice Dias, jovens desaparecidas na França**

objetos pessoais considerados essenciais, como celular, passaporte, carteira e smartwatch. O último registro de atividade no aparelho ocorreu às 16h19, após Gabriele visualizar uma mensagem enviada pelo marido pelo WhatsApp. Segundo familiares, ela usava uma bermuda de ginástica colorida e um tênis branco com detalhes de orelhinha e preparava as malas para uma viagem de casamento

marcada para o dia seguinte.

Em Trappes, na Região Metropolitana de Paris, a família de Alice iniciou a busca ainda na quarta-feira da semana passada. Morando na França há quatro anos, a adolescente mantinha uma rotina entre os estudos e o trabalho como babá antes de desaparecer após sair de um estágio de férias. A última comunicação ocorreu às 22h30,

quando avisou ao pai que aguardava um trem para voltar para casa. Ela não chegou à residência até a meia-noite e deixou de responder aos contatos.

O caso se conecta ao desaparecimento de Maria de Fátima, ocorrido um dia antes. Familiares acreditam que as duas possam estar juntas e receberam relatos, ainda sem confirmação oficial, de que

teriam sido vistas a caminho de Marselha, no sul da França.

A atuação das autoridades francesas passou a ser questionada pelos parentes, que criticam a interrupção dos trabalhos durante o fim de semana. Ao G1, Ana Flávia, irmã de Alice, relatou dificuldades para obter imagens de estações de trem e apontou demora na análise dos dados de rastreamento do celular da adolescente, que chegou a indicar uma localização antes de descarregar, sem que ninguém fosse encontrado no local.

O Itamaraty, por meio do Consulado-Geral do Brasil em Marselha, informou que acompanha os casos e presta assistência consular às famílias. Comunidades brasileiras na França também se mobilizam na divulgação de cartazes e na busca por informações. As autoridades francesas devem analisar novos dados ao longo desta semana para avançar nas apurações.